

Os amantes de lady Chatterley

Octavio Paz

Tradução de Rodrigo Conçole Lage¹
UNISUL

O artigo *Los amantes de lady Chatterley*², sobre o romance do escritor D. H. Lawrence, foi publicado por Octavio Paz, prêmio Nobel de Literatura de 1990, no jornal espanhol *El País* (em *Tribuna: un escritor terrestre 1*), no dia 12 de março de 1991. É o primeiro³ de dois artigos, o outro é o *La religión del Sol*⁴, dedicados ao escritor.

Os amantes de lady Chatterley

Octavio Paz

O romance mais falado de Lawrence, não o melhor, foi *Lady Chatterley's lover* (*O Amante de Lady Chatterley*). Foi publicado primeiro em Florença, em 1928, numa edição limitada; provocou imediatamente um tumulto que não demorou em converter-se, nos países anglo-saxões, em um escândalo. Em 1932 apareceu uma edição censurada, e somente em 1959 veio à luz uma edição completa e destinada ao público em geral. Eu li *O amante de Lady Chatterley* por volta de 1934, e me impressionou profundamente, como os outros romances, poemas, ensaios e livros de viagem de Lawrence. Li suas obras com entusiasmo ou, mais precisamente, com essa paixão ávida e violenta que só se tem na juventude. Entre elas, é claro, me impressionaram as que escreveu sobre o México.

¹ Graduado em História (UNIFSJ). Especialista em História Militar (UNISUL). Professor de História da SEEDUC-RJ no Colégio Estadual Governador Roberto Silveira. E-mail: rodrigo.lage@yahoo.com.br

² O texto em espanhol aqui reproduzido segue fielmente o texto digitalizado pelo jornal. Disponível em: <http://elpais.com/diario/1991/03/12/cultura/668732405_850215.html>. Acesso em: 27 jun. 2020.

³ No dia 13 de maio, do mesmo ano, o jornal *El País* (na seção *Tribuna: un escritor terrestre / y 2*), publicou um segundo artigo sobre D. H. Lawrence, intitulado *La religión del Sol*. Disponível em: <http://elpais.com/diario/1991/03/13/cultura/668818808_850215.html>. Acesso em: 27 jun. 2020. Publiquei, primeiramente, uma tradução deste artigo na revista *Qorpus* n. 30, de jul/out 2019. Disponível em: <https://qorpuspget.paginas.ufsc.br/files/2019/07/DIAGRAMACAO-30_FINALpdf.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2020.

⁴ Publiquei uma tradução deste artigo na revista *Qorpus* n. 30, de jul/out 2019. Disponível em: <https://qorpuspget.paginas.ufsc.br/files/2019/07/DIAGRAMACAO-30_FINALpdf.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2020.

A dimensão mítica

Lawrence viu, ouviu, tocou, cheirou e, em uma palavra, sentiu a terra mexicana, com suas montanhas, suas rochas, seus lagos, sua poeira, suas nuvens enormes e suas grandes chuvas. Com poderosa fantasia, auxiliada por seus sentidos finíssimos – também pelo entusiasmo e a cólera, as duas asas de sua prosa –, adivinhou e recriou a dimensão mítica da paisagem mexicana, acidentada geografia que esconde em cada cratera extinta e em cada abismo verde uma potência sobrenatural.

Lawrence tinha o dom poético por excelência: transfigurar aquilo de que falava. Assim, conseguiu o que outros romancistas mexicanos e estrangeiros não têm conseguido: converter as árvores e flores, as montanhas e os lagos, as serpentes e os pássaros do México, em *presenças*.

É curioso, para não dizer lamentável, que nenhum crítico nosso tenha dedicado um estudo sério a produção mexicana de Lawrence. *A Serpente Emplumada* é um livro disparatado e cativante, *Manhãs no México* vale mais do que qualquer tratado de psicologia, e vários hinos e poemas que esmaltam – a palavra é justa – seu grande e fracassado romance estão entre o melhor de sua poesia. Além disso, seus contos e suas cartas.

Há uma *nouvelle*⁵ em que a sombra do México aparece: *Saint Mawr*. Acredito que seja uma das obras-primas da literatura inglesa do século XX. Em suas páginas, a natureza volta a ser a divindade pânica que os antigos veneravam e a fonte de regeneração de nossa degradada espécie.

Heroína

No final da história, a heroína, Lou, voltando dos combates do árido erotismo moderno (Lawrence foi um grande criador de personagens femininas), ao contemplar as montanhas e cânions do Novo México, disse algumas palavras que são, mais do que uma confissão, uma revelação, no sentido religioso e erótico do termo: "Há algo aqui que me ama e me deseja. Não posso dizer o que é. Mas é um espírito... É mais real do que os homens... é algo selvagem, maior que as pessoas, maior do que a religião... Me deseja. E por ele meu sexo é profundo e sagrado...".

Cada grande escritor pertence a um dos quatro elementos que, segundo os antigos, compõem o universo: uns a terra, outros ao ar, ao fogo ou a água.

⁵ Em francês, no original. Contudo, no que diz respeito aos críticos literários de modo geral, o livro de Lawrence tem estatuto incerto e sua classificação oscila entre a novela e o conto (*short story*).

Lawrence é da terra, porém seu elemento nativo é o fogo, que é o sangue da terra e o gêmeo adversário da água. Nos seres animados, o princípio vital do fogo se transforma em líquido: seiva, sêmen, sangue. O fogo circula pelas artérias do homem, convertido em sangue.

Como a Fênix, o pássaro que renasce das chamas⁶, o sangue é um dos emblemas de Lawrence. Talvez a obsessiva repetição da palavra sangue e de suas associações sexuais e religiosas em meu primeiro livro (*Raíz del hombre*, 1937) seja um eco do fervor com que o li nesses anos.

Eros e Religião

Lawrence me ajudou a reinventar o mito do primeiro dia do mundo: debaixo da grande árvore de sangue, os corpos enlaçados bebem o vinho sagrado da comunhão. A tonalidade religiosa desta visão erótica – a frase pode ser invertida: as religiões do eros são vasos comunicantes – aparece também em um poeta que eu li nesses anos: Novalis.⁷ Os amantes, disse o poeta alemão, "sentados à mesa sempre posta e nunca vazia do desejo", consumaram a comunhão da carne e do sangue. Poesia ao mesmo tempo erótica e eucarística, como em um dos *Hinos à Noite* (o VII), lido e relido muitas vezes: "Quem pode dizer que compreende / o mistério do sangue? / Um dia tudo será corpo, / um só corpo. / E o casal feliz há de banhar-se / no sangue divino...".

A despeito de que a inspiração de Lawrence bebe nas mesmas fontes da poesia de Novalis e do pensamento místico de Jacob Böhme⁸, foi acusado de pornografia. A acusação não era totalmente falsa: alguns de seus romances são, de certo modo, pornográficos; o são por e no excesso mesmo de sua religiosidade carnal.

Não é por acaso que, no final de sua vida, se ocupou com paixão do livro do *Apocalipse*, no qual via os restos mutilados de uma religião solar, mais antiga que o judeu-cristianismo.

Nessas páginas, escritas em 1929, um ano antes de sua morte, Lawrence disse claramente qual era seu propósito: "O que queremos é destruir nossas falsas, inorgânicas

⁶ De acordo com a mitologia, a ave Fênix renasce das próprias cinzas e não das chamas, como afirma Octavio Paz.

⁷ Georg Philipp Friedrich von Hardenberg (1772-1801), mais conhecido como Novalis, foi um poeta, escritor, e filósofo do primeiro romantismo alemão, sendo um dos principais nomes desse período.

⁸ Jacob Böhme (1575-1624), ou Jakob Böhme, foi um filósofo, teólogo e místico alemão, luterano, que passou a escrever depois de ter tido algumas visões. Suas obras foram consideradas heréticas e ele foi proibido de continuar publicando. Todavia, depois de alguns anos sem escrever ele, desobedecendo a proibição, voltou a fazê-lo e continuou até sua morte. Teve muitos seguidores que eram conhecidos como "boehmistas".

relações, especialmente com o dinheiro, e restabelecer nossa relação orgânica e viva com o cosmos, o sol e a terra, com a raça humana e com a nação e a família. Começemos com o sol, e o resto, lentamente, virá".

Se sentia uma parte do sol, como os olhos são uma parte do rosto. Nada mais afastado do erotismo, de Sade (uma filosofia) ou de Laclos (uma psicologia) que o erotismo religioso de Lawrence. Talvez, por isto, o compreenderam melhor os poetas que os intelectuais.

Los amantes de lady Chatterley

Octavio Paz

La novela más sonada de Lawrence, no la mejor, fue *Lady Chatterley's lover* (*El amante de lady Chatterley*). Se publicó primero en Florencia, en 1928, en una edición limitada; provocó inmediatamente un gran revuelo que no tardó en convertirse, en los países anglosajones, en escándalo. En 1932 apareció una edición expurgada, y sólo hasta 1959 salió a la luz una edición completa y destinada al público en general. Yo leí *El amante de lady Chatterley* hacia 1934, y me causó una impresión profunda, como las otras novelas, poemas, ensayos y libros de viaje de Lawrence. Leí sus obras con entusiasmo o, más exactamente, con esa pasión ávida y encarnizada que sólo se tiene en la juventud. Entre ellas, claro, me impresionaron las que escribió sobre México.

La dimensión mítica

Lawrence vio, oyó, tocó, olió y, en una palabra, sintió la tierra mexicana, con sus montañas, sus pedregales, sus lagos, sus polvaredas, sus nubes enormes y sus grandes lluvias. Con poderosa fantasía, ayudado por sus finísimos sentidos -también por el entusiasmo y la cólera, las dos alas de su prosa-, adivinó y recreó la dimensión mítica del paisaje mexicano, abrupta geografía que esconde en cada cráter extinto y en cada abismo verde una potencia sobrenatural.

Lawrence tenía el don poético por excelencia: transfigurar aquello de que hablaba. Así logró lo que otros novelistas mexicanos y extranjeros no han con seguido: convertir a los árboles y las flores, los montes y los lagos, las serpientes y los pájaros de México, en *presencias*.

Es curioso, por no decir lamentable, que ningún crítico nuestro haya dedicado un estudio serio a la producción mexicana de Lawrence. *La serpiente emplumada* es un

libro disparatado y entrañable, *Mañanas de México* vale más que cualquier tratado de psicología, y varios de los himnos y poemas que esmaltan -la palabra es justa- su gran y fracasada novela están entre lo mejor de su poesía. Además, sus cuentos y sus cartas.

Hay una *nouvelle* en la que aparece la sombra de México: *Saint Mawr*. Creo que es una de las obras verdaderamente maestras de la literatura inglesa del siglo XX. En sus páginas, la naturaleza vuelve a ser la divinidad pánica que veneraron los antiguos y la fuente de regeneración de nuestra degradada especie.

Heroína

Al final del relato, la heroína, Lou, de regreso de los combates del árido erotismo moderno (Lawrence fue un gran creador de personajes femeninos), al contemplar los montes y cañadas de Nuevo México, dice unas palabras que son, más que una confesión, una revelación, en el sentido religioso y erótico del término: "Hay algo aquí que me ama y me desea. No puedo decir qué es. Pero es un espíritu... Es más real que los hombres... es algo salvaje, más grande que la gente, más grande que la religión... Me desea. Y por él mi sexo es profundo y sagrado...".

Cada gran escritor pertenece a uno de los cuatro elementos que, según los antiguos, componen al universo: unos a la tierra, otros al aire, al fuego o al agua.

Lawrence es terrestre, pero su elemento nativo es el fuego, que es la sangre de la tierra y el gemelo adversario del agua. En los seres animados, el principio vital del fuego se transforma en líquido: savia, semen, sangre. El fuego circula por las arterias del hombre convertido en sangre.

Con el Fénix, el pájaro que renace de la llama, la sangre es uno de los emblemas de Lawrence. Tal vez la obsesiva repetición de la palabra sangre y de sus asociaciones sexuales y religiosas en mi primer libro (*Raíz del hombre* 1937) sea un eco del fervor con que lo leí esos años.

Eros y religión

Lawrence me ayudó a reinventar el mito del primer día del mundo: bajo el gran árbol de la sangre, los cuerpos enlazados beben el vino sagrado de la comunión. La tonalidad religiosa de esta visión erótica -la frase puede invertirse: eros religión son vasos comunicantes- aparece también en un poeta que yo leía en esos años: Novalis. Los amantes, dice el poeta alemán, "sentados a la mesa siempre puesta y nunca vacía del deseo", consumirán la comunión de La carne y de la sangre. Poesía a un tiempo erótica y eucarística, como en uno de los *Himnos a la noche* (el VII), leído y releído muchas

veces: "¿Quién puede decir que comprende / el misterio de la sangre? / Un día todo será cuerpo, / un solo cuerpo. / Y la pareja feliz ha de bañarse / en la sangre divina...".

A despecho de que la inspiración de Lawrence bebe en las mismas fuentes de la poesía de Novalis y del pensamiento místico de Jacobo Böhme, fue acusado de pornografía. La acusación no era enteramente falsa: algunas de sus novelas son, en cierto modo, pornográficas; lo son por y en el exceso mismo de su religiosidad carnal.

No en balde, al final de su vida, se ocupó con pasión del libro del *Apocalipsis*, en el que veía los restos mutilados de una religión solar, más antigua que el judeo-cristianismo.

En esas páginas, escritas en 1929, un año antes de su muerte, Lawrence dice claramente cuál era su propósito: "Lo que queremos es destruir nuestras falsas, inorgánicas relaciones, especialmente con el dinero, y restablecer nuestra relación orgánica y viva con el cosmos, el sol y la tierra, con la raza humana y con la nación y la familia. Comencemos con el sol, y el resto, despacio, llegará".

Se sentía una parte del sol, como los ojos son una parte del rostro. Nada más alejado del erotismo, de Sade (una filosofía) o de Laclos (una psicología) que el erotismo religioso de Lawrence. Tal vez por esto lo han comprendido mejor los poetas que los intelectuales.

REFERÊNCIA

PAZ, Octavio. Los amantes de lady Chatterley. *El País*, mar, 1991. https://elpais.com/diario/1991/03/12/cultura/668732405_850215.html